

Considerações finais

O estudo da modalidade, nas duas últimas décadas, recebeu grande atenção por parte de autores de diferente inspiração científica e com diferentes propósitos. Na verdade, os linguistas nem sempre concordam com o que constitui rigorosamente este domínio, dadas as implicações que ele tem.

Neste estudo, procurámos dar os primeiros passos para entender até que ponto os aprendentes que têm o mandarim ou o cantonês como língua materna encontram obstáculos na interpretação de enunciados modalizados em português. Decidimos testar a compreensão oral e da leitura já que tínhamos como hipótese, apenas baseada na experiência pessoal, de que o défice de compreensão nos alunos chineses é mais evidente na interação oral do que na escrita. Decidimos, também, incluir um conjunto alargado de modalizadores fazendo uso de recursos diversos da língua, sem nos preocuparmos em privilegiar um ou outro processo, já que nos preocupámos mais em propor textos autênticos constituindo géneros bem definidos. As únicas exceções a esta regra foram pequenos diálogos com que o inquérito terminava.

As observações sintéticas que realizámos sobre o modo como a modalização se realiza em mandarim podem ser um lastro útil na conceção de estratégias favoráveis à aquisição destes valores em português. É, no entanto, justo afirmar que a grande falha, de acordo com as experiências de aprendizagem dos alunos chineses, não é o uso de estratégias erradas de ensino, mas a quase total ausência destas. A aula, o manual, a gramática, o dicionário podem ser espaços ou entidades que, simplesmente, ignoram as dificuldades sentidas pelos aprendentes chineses nesta área importante da língua, dadas as características da língua materna.

Demos destaque, neste particular, ao facto de em mandarim ser necessário em praticamente todos os tipos de enunciados, uma combinação do verbo auxiliar com o verbo principal para se obter um valor modalizado. Esta circunstância, reduzindo em muito, o hábito de recorrer a outros modalizadores, deixa o aprendente chinês menos

preparado para interiorizar os diversos recursos da modalização em português. Ainda na linha das observações sobre as características da modalização em mandarim, verificámos como a posição do modalizador na frase interfere na compreensão dos inquiridos chineses, em virtude de, em mandarim, o modalizador ser colocado, em regra, no início da frase. Sublinhámos o facto de em português ser comum utilizarem-se inserções modalizadoras do tipo “bem entendido”, “muito menos”, “com efeito” para reforçar as ideias do autor ou adicionar informações ainda em falta, contrariamente ao hábito em mandarim, já que, geralmente, se usam advérbios como 原則上 (em princípio) ou 實際上 (na prática). Geralmente, no início da frase, raramente em outras posições.

Registámos, por outro lado, que o facto de em mandarim não haver lugar à flexão verbal, todas as informações (cf. sobre a natureza do sujeito, sobre o modo e aspeto) que em português se exprimem, em grande parte, na flexão do verbo, podem conflitar com a interpretação de outros (por vezes vários) marcadores modais e aspetuais. A ausência de flexão em mandarim, de resto, explica só por si que os alunos chineses tenham a tendência para usar alguns advérbios (cf. “antes” ou “antigamente”) para codificar valores temporais que podiam ser codificados no verbo, por exemplo, usando os Pretéritos Perfeito ou Imperfeito do Indicativo.

Muitos fatores estão envolvidos na compreensão (e produção) de enunciados modalizados e todos eles são determinantes para orientar a aprendizagem de uma língua não materna, interessando naturalmente a este estudo. Desde logo, a compreensão dos significados associados ao modalizador. Na maior parte dos casos, em virtude da forma como se processa o ensino e da insuficiência dos dicionários bilingues disponíveis (referimo-nos a dicionários chinês-português ou português chinês), o aprendente tem apenas acesso ao valor modal mais frequente nos géneros típicos dos níveis A2 e B1, o que é, até certo ponto, limitado.

Em segundo lugar, o aprendente deve estar familiarizado com os valores semântico-pragmáticos do modalizador. Isso implica, provavelmente, um trabalho específico que nem todos os professores estão preparados para realizar, a julgar pelas propostas dos manuais e, mais uma vez, pela experiência pessoal enquanto

aprendente de PLE, reforçada troca de impressões com inúmeros colegas sobre estes assuntos.

Em terceiro lugar, o aprendente deve estar treinado a selecionar em tempo real (o tempo da interação) o valor adequado usado num enunciado particular. Qualquer hesitação pode significar confusão entre um valor deôntico, epistémico ou outro, e sabe-se o que isto pode significar numa interação real.

Em último lugar, mas talvez o primeiro de uma hierarquia didática, o aprendente deve estar habituado a interpretar convenientemente as coordenadas contextuais que envolvem um determinado texto. Sabemos nós que muitos manuais de ensino PLE nem se preocupam em fornecer apoio aos alunos neste particular.

Integrar os valores modais no comportamento linguístico e comunicacional; logo, cultural, é tarefa difícil para quem provém de uma área geolinguística muito apartada da língua alvo. Este estudo está muito longe de conseguir penetrar nas quatro dimensões acima apontadas; porém, aponta para algumas ideias que passamos a enumerar:

- a) Os alunos chineses envolvidos em cursos de B2 conhecem, em idêntica proporção, os modalizadores de maior frequência na língua portuguesa, quando usados em géneros estudados tipicamente no ensino de PLE ao longo dos níveis precedentes;
- b) Os alunos chineses envolvidos em cursos de B2 manifestam uma compreensão idêntica aos alunos com uma origem linguística e cultural mais próxima do português a) quando os recursos e processos de modalização são muito comuns, porventura mais frequentes (cf. “talvez”, “pouco”, “pode ser que”, “é provável que”, etc.), b) não apresentam grandes ambiguidades interpretativas (cf. “é seguro”, “de certeza que”, “é obrigatório”, etc.) c) quando os elementos contextuais são simples e claros;
- c) Os alunos chineses envolvidos em cursos de B2 manifestam insegurança em compreender sequências textuais em que os modalizadores são expressões de significado complexo ou que podem estar ao serviço de múltiplos valores semântico-pragmáticos (“parece que as coisas”, “há que...”, verbo modal

dever, etc.). Neste particular, a sua compreensão é manifestamente inferior à dos restantes inquiridos;

- d) Os alunos chineses envolvidos em cursos de B2 manifestam insegurança interpretativa em modalizadores que recaem sobre o grau, intensidade ou gravidade de um assunto ou evento (cf. “um tudo nada”, “apenas alguma”, “um pouquinho mais”, etc.). O mesmo não se verifica quando se trata de recursos situados nos extremos do eixo quantificador (cf. muito, pouco, nada);
- e) Os enunciados sobremodalizados oferecem severas dificuldades à compreensão dos aprendentes, dos chineses em particular, mesmo quando os processos usados são pouco complexos. Para o aprendente chinês, as limitações à compreensão não estão tanto associadas à sua natureza, mas sim à quantidade ou densidade;
- f) A compreensão dos inquiridos chineses diminui quando o modalizador não ocupa a posição inicial no enunciado, o que sugere que a consideração deste aspeto se deve adicionar aos referidos em e);
- g) Apesar de demonstrarem atenção aos fatores contextuais, os alunos chineses envolvidos em cursos de B2 demonstram, ao interpretar um enunciado, dedicar muito mais atenção ao valor semântico do modalizador em presença do que às incidências contextuais;
- h) Os inquiridos chineses mostraram-se pouco sensíveis à interpretação de um elemento contextual em particular: o estatuto do enunciador. Por extensão, esta observação deverá ser extensiva ao estatuto do(s) restante(s) participante(s) na interação.

Neste estudo, não foram explorados todos os valores dos verbos modais, como também não foram considerados alguns processos de atenuação muito frequentes por isso devemos ser prudentes na interpretação dos dados. Muitos mais contrastes interpretativos seriam necessários para compreender o modo como os fatores de modalização em português interferem na compreensão de um aprendente chinês; tratando-se de um estudo exploratório, resultam dele, todavia, linhas conclusivas que

podem ser úteis aos professores de PLE. As convicções que eles e nós, enquanto aprendente da língua de Camões acabamos por ter sobre este assunto, por vezes não se confirmam, o que reforça a ideia de que a aquisição dos valores modais tem de ser mais aprofundada. Por exemplo, era nossa expectativa verificar-se uma maior diferenciação entre os dois públicos considerados na compreensão do oral do que do escrito, com prejuízo, naquela competência para os inquiridos chineses. Esta expectativa não se verificou na aplicação deste inquérito, não se podendo retirar conclusões definitivas, desde logo porque os recursos da modalidade testados para a compreensão oral não foram os mesmos da segunda parte do inquérito. As observações que fomos realizando sobre os dados do inquérito são, a um tempo, possíveis explicações para as interferências na compreensão e alertas para os professores de PLE, não apenas do nível de aprendizagem testado neste estudo, mas sobretudo dos níveis precedentes, onde a aquisição dos valores modais mais recorrentes se faz.

Registámos que, apesar de não prejudicar a compreensão global do texto, as limitações identificadas comprometem o grau e a profundidade da compreensão, gerando insegurança comunicativa. Um indício desta insegurança verificou-se nas reações dos alunos chineses ao enunciado com atenuação da ordem (um pedido) através da desatualização temporal (eg. “Podias-me emprestar a tua borracha”), seguramente, dos aspetos mais trabalhados ao longo do processo de aprendizagem. Não duvidando que os inquiridos, por serem do nível B2, de algum modo, já adquiriram esta particularidade da língua portuguesa, registámos que, quando confrontados, na resposta ao inquérito, com outros dois enunciados que usavam o pretérito imperfeito do indicativo com valor de passado, parte significativa dos inquiridos responderam erradamente.

Não se identificou, no entanto, nenhuma preferência pela compreensão dos recursos de uma qualquer modalidade.

As diferenças entre os hábitos e recursos de modalização da língua portuguesa com a língua materna dos aprendentes chineses, sendo grandes, manifestam-se, antes de mais, através de artefactos, procedimentos de natureza gramatical; no entanto,

nunca é de mais reforçar a ideia de que são os hábitos e usos culturais dos dois povos que enformam os procedimentos gramaticais pelo que o conhecimento contextual é fundamental. O conhecimento que os professores têm das particularidades da língua e cultura maternas do seu aluno, neste caso, do mandarim, é, pois, importante, como é crucial que não abandone, nunca, a ideia de fornecer ao seu aluno os dados essenciais da cultura portuguesa.

Não estamos em condições de sugerir tarefas específicas para a compreensão, para além das óbvias: paráfrases de sequências textuais, exercícios lacunares, exercícios específicos para a identificação dos valores, etc. Acima de tudo, o professor de língua deve trabalhar o uso desses elementos linguístico-discursivos, de modo que os seus alunos possam realizar leituras mais profundas, identificando os efeitos de sentido gerados por esses elementos e que convergem para uma compreensão além texto.

Deverá o professor acompanhar criticamente o uso do dicionário bilingue por parte do aprendente chinês e sugerir práticas criativas de recurso ao dicionário de língua portuguesa para que o primeiro contato com os muitos modalizadores com que os alunos terão que lidar na interação com os textos portugueses não seja errónea ou inconclusiva.

Os dados que resultam deste estudo põem em evidência o comportamento interpretativo dos alunos chineses, já que é sobre estes que recai o foco do estudo; porém, o conhecimento e uso dos processos de modalização na língua portuguesa pelos alunos de PLE, em geral, é um assunto que os professores, autores de manuais e agentes de ensino não podem, simplesmente, ignorar.